

ENSAIO SOBRE A INCOMUNICAÇÃO

ENSAYO SOBRE LA INCOMUNICACIÓN

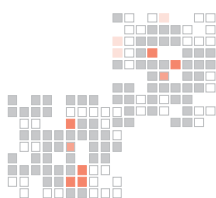
ESSAY ABOUT INCOMMUNICATION

Ciro Marcondes Filho

■ Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP. Publicou recentemente *Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura* (Porto Alegre, Sulina, 2012) e tem no prelo a obra *Das coisas que nos fazem pensar, que nos forçam a pensar. O debate sobre a Nova Teoria da Comunicação*, São Paulo, Ideias e Letras, 2013.

■ E-mail: ciromarcondesfilho@gmail.com

40



RESUMO

Comunicação é um acontecimento raro. Não tem nada a ver com transmissão ou transferência. É apenas uma relação que pode ser ou não estabelecida. Deixamos de comunicar porque não queremos comunicar ou porque não o conseguimos. O conceito de comunicação e a crítica às teorias circulantes são feitos no debate com José Luís Braga e seus comentários a respeito de nosso conceito de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; INCOMUNICABILIDADE; NOVA TEORIA DA COMUNICAÇÃO.

RESUMEN

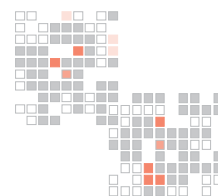
La comunicación es un evento raro. No tiene nada que ver con la transmisión o transferencia. Sólo es una relación que se puede establecer o no. No logramos comunicarnos porque no quieren comunicar o por qué no tuvo éxito. El concepto de la comunicación y la circulación teorías críticas se hacen en la discusión con José Luis Braga y sus comentarios sobre nuestro concepto de comunicación.

PALABRAS CLAVE: COMMUNICATION; NO-COMMUNICATION; NEW THEORY OF COMMUNICATION

ABSTRACT

Communication is a rare event. It has nothing to do with transmission or transfer of anything. It is only a relationship that can be established or not. We stop communicating because we do not want to communicate or because we do not succeed in it. The concept of communication and the criticism on the circulating theories are done in the discussion with José Luis Braga and his comments regarding our concept of communication.

KEYWORDS: COMUNICACIÓN; INCOMUNICACIÓN; NUEVA TEORÍA DE LA COMUNICACIÓN.



1. O fático, a paixão e a comunicação

Quando Marcel acariciava Albertine, quando ele a tinha sobre seus joelhos e sua cabeça sobre suas mãos, ele sentia que manuseava uma pedra que encerrava a salina de oceanos imemoriais; ele percebia que tocava somente o invólucro fechado de uma pessoa, que, como todos nós, era um ser insondável, do qual muito pouco se poderia conhecer. Como ela, somos todos dotados de uma incomunicabilidade de origem. Jamais o outro poderá nos conhecer, e nós, o outro. Não conseguimos sair de nós, dizia Lucrécio, tudo que conhecemos do outro é somente a partir de nós mesmos.

A comunicação, portanto, no sentido de partilhar, de tornar comum, de dividir, de comungar um acontecimento, uma vivência, uma sensação, é um equívoco. Nada pode ser tornado comum. Fatos, sentimentos, emoções, experiências são ocorrências únicas e singulares, pertencem a cada um e à sua história, e qualquer coisa que uma pessoa tenha experimentado, vivenciado e registrado jamais poderá ser conhecido por outra (conhecido no sentido de incorporado da mesma maneira). Cada uma irá vivê-la, senti-la à sua maneira. Nada se passa, nada se repassa. Por isso, comunicação não é transmissão, transferência, deslocamento de nada. Essas definições carregam em si a ideia equivocada de que há um objeto, uma coisa, algo que é movido de um ao outro.

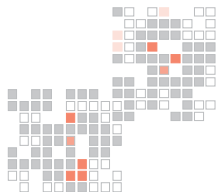
O Outro para nós será sempre um mistério, uma caixa preta, do qual muito pouco podemos conhecer. Mas é exatamente nessa insondabilidade do Outro, em seu caráter totalmente impenetrável, que há a chance da comunicação. Isso porque enquanto nos mantemos fechados ao Outro, à alteridade que nos provoca o tempo todo, não participamos do mundo, não conhecemos nada, não nos defrontamos com o desafio daquilo que não somos nós. A comunicação, portanto, não tem objeto: eu não comunico “algo” a alguém, a comunicação simplesmente acontece. Um filme *nos comunicou*. Apenas isso. Ponto final. Não

há o “que” ele nos comunicou. Não comunicou *algo*, porque, neste caso, ter-se-ia novamente a materialidade da comunicação, seu caráter metafísico. Comunicação ocorre, geralmente, na forma passiva: eu sou comunicado (mas não no sentido que “sou comunicado de que o Sr. Fulano faleceu”, pois, nesse caso, estou sendo apenas *informado*). Apenas, sou comunicado. Enquanto emissor, eu emito sinais que podem ou não atingir o outro. São minhas tentativas, minha intenção. Mas, somente *enquanto receptor*, posso efetivamente afirmar que a comunicação ocorreu.

O filme me comunicou, no sentido de que me alterou, me provocou, me incomodou, perturbou minha estabilidade de um sistema fechado. No momento em que eu me expus ao Outro, à alteridade radical que ele portava, algo aconteceu nesse encontro que levou ao desarranjo. Trata-se do Acontecimento comunicacional.

A vivência cotidiana confunde a mera troca de sinais com comunicação. Ora, as relações fáticas existem apenas para testar o funcionamento do canal, não para comunicar. O pesquisador espanhol Carlos Castilla del Pino (1970) diz que quando duas pessoas se encontram, a comunicação se dá por “esferas tangentes”, periféricas, que exibem apenas imagens e papéis. Isso é a “comunicação” fática; mas seu conceito de comunicação ainda peca pelo vínculo à definição tradicional do termo, talvez não nas formas de autocomunicação, em que se é interlocutor de si mesmo, mas, seguramente, nos seus exemplos de confidencialidade e comunicação amorosa.

Consideremos os casos de afeto. O amor e a paixão, diferente de Eros, tampouco podem ser vistos como fenômenos de comunicação. Enquanto modalidade de relacionamento afetivo, a paixão demarca uma tensão incontrolável em um, e, às vezes, em ambos os seres, marcada pelo sofrimento e pela violência. Trata-se da aspiração de tornar finito aquilo que é em princípio infinito, a saber, a posse do outro. Enquanto relação dessimétrica,



impenetrável, incapturável, mistério, ocupação da interioridade da própria pessoa, da sua autonomia, enquanto uma alteridade à qual o Ego se submete e que não será jamais posse sua, o ser por quem se está apaixonado corresponde às atribuições da alteridade radical que permite a comunicação. Ele deixa de ser comunicação quando essa acolhida do outro em nós mesmos já não é tranquila, ao contrário, é desespero, prisão em vez de libertação, quando Ego é acometido pelo desejo jamais realizável de captura e posse de Alter.

Uma paixão pode serenizar-se na forma de amor. Nesse caso, desaparece a violência e o desespero, cria-se o contrato. Aí, o Ego se pacifica, busca a homogeneidade com o Alter, que perde sua capacidade de comunicar, o exercício de sua alteridade radical que poderia provocar quebras, rearranjos, alterações. Instala-se uma paz serena, o Eu satisfaz-se com o Outro, nesse tipo de sociabilidade a dois, em que duas solidões são “refratárias à universalidade” (Levinas, 1954, p.43-44; p.62).

Eros não é amor, nem paixão. Será sempre infinito em sua indevassabilidade. O atributo do Outro, nesta circunstância, de jamais poder tornar-se meu ou minha o faz provedor permanente da comunicação. Por isso, acreditava Georges Bataille, que nós não nos comunicamos, exceto no erótico (Bataille, 1957, p.238-239). Essa proximidade que Eros nos proporciona revela, paradoxalmente, a distância absoluta do Outro. É o próprio Emmanuel Levinas que aponta, na citação desse Capítulo, que “o que se apresenta como fracasso da comunicação no amor constitui precisamente a presença dela como outro”. O outro enquanto outro não é aqui um “objeto que se torna nosso ou que se torna nós; ao contrário, ele se retira em seu mistério” (Levinas, 1979, p.78).

2. A incomunicação

Castilla del Pino (1970, p.60) defende a tese de que a incomunicação ocorre porque nossas falas e sinais perdem-se no trivial e no frívolo. Afora isso, haveria um amplo setor do homem preen-

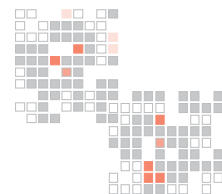
chido pelas coisas que não se fala ou que não se sabe dizer, sugerindo, talvez, a retomada da frase de Wittgenstein, de que sobre aquilo que não pode dizer, deve-se calar.

Mas, às vezes, as pessoas se calam porque querem, ou porque isso faz parte do funcionamento de seu psiquismo e isso não é incomunicabilidade. O médico e psicanalista inglês Donald Winnicott (1963) diz que num mesmo indivíduo podem coexistir a vontade de comunicar e o desejo de não comunicar. É o caso do artista, diz ele, que pretende sensibilizar o público ao mesmo tempo em que tem a necessidade de não ser decifrado. Ou então, quando o menino escreve em seu diário “Meu caderno secreto”, e que estaria, segundo ele, sugerindo ao outro que o lesse (Winnicott, 1963, p.168). Haveria, para Winnicott, um “eu verdadeiro”, espaço silencioso que se mantém sempre (sadiamente) fechado, jamais “se comunicando”, e um setor que busca sinalizar fatos, falas e sentimentos ao mundo.

Winnicott diz também que as pessoas têm necessidade de compartilhar seus assuntos com os outros, mas ficam, igualmente, isolados; cada um está “permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado” (1963, p.170).

Esse isolamento, que para ele é “normal”, é, para Castilla del Pino (1970), algo de problemático. A multidão, diz este último, vive como se o isolamento não existisse. Trata-se de um viver que é em companhia do outro, mas essa companhia é ilusória, pois, para ele, as pessoas não têm consciência da incomunicação, ficam apenas falando, qualquer coisa, não importando aquilo que ele chama de “relação mais íntima com o outro”. A comunicação deles seria essa própria incomunicação estruturada no jocoso, em que nada de sério é tratado, tudo fica no frívolo e no insubstancial.

Para este estudioso, as pessoas não se comunicam porque temem a comunicação, e esse temor ou essa angústia se deve ao fato de a pessoa ter que se abrir diante do outro. Haveria, portanto,



um “dinamismo de defesa” adotado pelas pessoas, uma resistência de cada um para não realizar o efetivo convívio social, para que a presença do Outro não pudesse servir para que a pessoa se desarmasse e realizasse efetivamente uma experiência de oxigenação das ideias e dos comportamentos.

É na confidencialidade que Castilla del Pino (1970) reivindica a autêntica comunicação. Mas a confidência pode ter efeitos distintos. Quando alguém revela a outro algo de secreto, o efeito pode ser de mero mexerico, bisbilhotice, intriga ou moralismo. Pode ocorrer certo compartilhamento na depreciação de um terceiro, fato esse que contribui apenas para reforçar o próprio moralismo, a cumplicidade dos interlocutores, não para realizar a comunicação. Esta viria talvez não com a confidencialidade mas com a preservação do Outro em situação não secreta mas solidária. Eu me renovo, me arejo, evoluo minhas ideias e minha visão do mundo abrindo-me ao Outro, recebendo dele os *insights* que me fazem pensar.

Outro pensador espanhol, Max Colodro, vincula a incomunicabilidade ao excesso de palavras, à verbosidade que se instalou no cotidiano (Colodro, 2000, p.66). A incomunicação, ou seja, “a consciência do vazio de referentes por detrás das palavras” teria produzido, como resultado perverso, o excesso de palavras, a saturação informativa. As pessoas, então, estariam “condenadas a falar”, falar de tudo e constantemente, pois as palavras seriam a única coisa de sólido a que se agarrar.

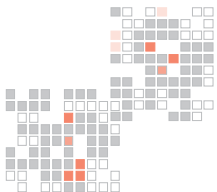
A comunicação, para Colodro, se reduz, assim, ao intercâmbio informativo e isso debilita o vínculo comunicacional, “espaço social em que a legitimidade do *Outro* é premissa da *coparticipação*” (2000, p.66). Não se sabe se é exatamente isso que acontece. A necessidade de uma densidade nas palavras pode sugerir uma nostalgia do conteúdo, em última instância, um desejo de metafísica. Exatamente por reivindicar o acoplamento de um significado num significante específico que Saussure foi acusado de metafísico.

3. As microdiferenças e o bombardeamento do novo. Debate com José Luís Braga

José Luiz Braga trabalha com uma definição minha de comunicação relativamente antiga, ou melhor, provisória para aquela época, a saber, a do livro *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* (Marcondes Filho, 2004). Nestes últimos sete anos, o conceito evoluiu consideravelmente, fato este testemunhado pelas publicações posteriores, como o verbete “comunicação” no meu *Dicionário da Comunicação*, a obra *Para entender a comunicação*, de 2008, e a mais recente, o tomo 5 de *O princípio da razão durante*.

No livreto comentado por Braga, eu definia comunicação como algo muito raro, ela seria a possibilidade de driblar a proibição de se comunicar imposta pela sociedade da comunicação. Essa tese eu não renego, de forma alguma, mas amplo, desenvolvendo o sentido já indicado naquela época, de comunicação ser efetivamente interação, *pela qual surge algo verdadeiramente novo* (2004, p.88). O que foi descartado nos estudos posteriores foi a ideia, ainda relativamente confusa de comunicação, que Braga traduz como “algo que articula, integra, vincula e cria reconhecimento mútuo” (Braga, 2010, p.69), o que parece ser o mesmo que ele chama de “comunicação-comunhão”. Efetivamente não é isso.

Comunicação, segundo a Nova Teoria, não tem nada a ver com comunhão. O equívoco talvez se deva ao argumento trazido naquela obra, no final do comentário sobre as insuficiências de Niklas Luhmann, de que nós fazemos parte da “carne do mundo” (Merleau-Ponty), que o mundo entra em nós e nós nele. Ora, esta alusão ao filósofo francês só tem a ver com sua oposição a Husserl, para quem o processo de construção de sentido – de *expressão*, na linguagem husserliana – era produto exclusivo da minha consciência. Merleau-Ponty corrige Husserl ao transferir essa operação à nossa relação com o mundo. Nossa consciência, enquanto tal, não existe; ela é parte



de um conjunto no qual nos dissolvemos, a carne do mundo. Esta afirmação, por seu turno, pode conduzir sub-repticiamente à alusão equivocada de que há, de fato, de um “partilhamento” dos conteúdos comunicacionais.

E a comunicação é um processo muito raro porque envolve uma relação qualitativa com o mundo, que supõe minha disponibilidade de receber esse novo, um encontro com a alteridade do Outro, uma experiência efetivamente diferente com aquilo que me acontece. São fenômenos qualitativos, jamais redutíveis à lógica da proporcionalidade ou da fragmentalidade, como sugere Braga, e que comentarei em seguida.

Braga não aceita que não nos comunicamos ou que nos comunicamos muito raramente. Para ele, essa tese é muito ampla e excludente, pois, a comunicação “se realiza probabilisticamente, com graus variados de sucesso” (Braga, 2011, p.6). Quer dizer, há “formas menores” que não devem ser desprezadas. Existiriam, assim, comunicações grandes, médias e pequenas, cujos critérios de mensuração, entretanto, não são expostos muito claramente. Aplicadas a funções estatísticas, isso significaria dizer que índices de comunicabilidade variam de 0 a 1, quando chegam à comunicação máxima.

O problema, a meu ver, está exatamente na fragmentação. O que é, efetivamente, uma comunicação *menor*? Diz Braga:

Comunicação não é só aquela de valor alto, do sucedimento precioso e raro – mas toda troca, articulação, passagem entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais – frequentemente desencontrada, conflitiva, agregando interesses de todas as ordens; marcada por casualidades que ultrapassam ou ficam aquém das intenções (que, aliás, podem ser válidas ou rasteiras) (Braga, 2010, p.69).

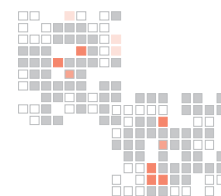
Por aí, também se vê que seu conceito de comunicação ainda é marcado pela “doença infan-

til” das teorias da comunicação, que, a exemplo do esquema canônico de Shannon, a interpretam como *coisa*. Comunicação como algo que eu passo de mim ao outro, semelhante a um líquido, a matérias, a objetos que eu ponho de um lado de um cano ou de um tubo e que saem pelo outro lado; comunicação como sendo um elemento que extraio da minha cabeça e transfiro à cabeça do outro, enxertando-a lá dentro.

Esta é a concepção metafísica da comunicação, que a vê como presença real, algo “em si”, que circula, que corre, que é repassado. Mas a figura da troca é um equívoco: eu não troco nada. O que sai de mim não é o que o outro incorpora; em sua mente *produz-se* algo diferente. Como diz Heinz von Foerster: ela é a “representação interna de um organismo que interage com uma representação interna de outro organismo” (Von Foerster, 1985, p.85). Tampouco articulação, pois não se pode dizer que minha frase se articule com a sua ou vice-versa, da mesma forma como membros são articulados, ligados entre si por encaixes flexíveis, pois, aqui também sobrevive a ideia de “coisa atrelada”.

Todas essas figuras (troca, articulação, passagem, mas também transmissão) remetem às definições metafísicas, porque calcadas em figuras positivistas da presença, da existência real, da coisa ter que se mostrar para poder ser validada. Nos primeiros textos de comunicação, especialmente na escola empirista, a comunicação teria que ser reduzida a valores mensuráveis. Afinal, o matemático Claude Shannon buscava medir os conteúdos comunicacionais pelo grau de raridade da ocorrência estatística de termos numa transmissão telegráfica. Ele reduzia um fenômeno social humano a unidades matemáticas de medida. Ele conseguia dizer o quanto um texto tinha de novidade sem precisar proceder a uma investigação sobre seu conteúdo explícito...

Voltemos aos “graus variados de sucesso”. Diz Braga que a comunicação *tentativa*



se refere mais propriamente ao que a sociedade tenta viabilizar nas suas interações do que ao esforço de atingir objetivos diferenciados pelos participantes. Em cada modo ou processo social, a sociedade gera tentativamente (em modo prático) determinados padrões para seu funcionamento. Tais práticas acabam se organizando em dispositivos variados, que de algum modo ‘modelam’ o funcionamento comunicacional que aí ocorre (Braga, 2011, p.6).

A tentativa do participante é, para ele, algo relevante de sua tese (Braga, 2010, p.72). Pelo que se pode depreender, é o fato de o emissor tentar transmitir e o receptor tentar uma interpretação da mensagem de forma coerente com o ponto de partida, na emissão (Braga, 2010, p.72). No caso do receptor, trata-se, mais uma vez, da capacidade de decifrar um código: eu faço minhas tentativas, se eu decifro convenientemente, então, isso significa que eu entendi, que a comunicação ocorreu. Persiste aqui um modelo pré-luhmanniano, de Shannon, dos anos 50. Não se trata de um formato ambicioso no que se refere à pesquisa da comunicabilidade de nossos atos e palavras, dos grandes meios de comunicação e das formas digitais. A questão é que, sendo técnico, com ele fica-se sempre à margem do que está efetivamente acontecendo.

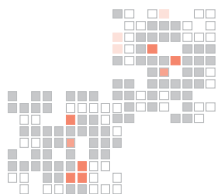
Para Braga, comunicar, em última instância, é a possibilidade de um emissor transmitir e o receptor entender o que ele está falando. São tentativas de deciframento adequado. É C entendendo pouco e B compreendendo um pouco melhor o que A pretendia dizer. Ainda não saímos das condições elementares da comunicabilidade humana; continuamos nos primórdios discutindo que termos devemos usar, como sermos mais claros, de que recursos utilizar para que nosso interlocutor entre na mesma linha de sintonia conosco.

E há graus variados de sucesso. É aqui, exatamente aqui que se instala nossa diferença maior. Para a Nova Teoria não há um sucesso pequeno,

médio ou grande. A comunicação ou acontece ou não acontece, geralmente em dimensão discreta e pessoal. O receptor tem que sentir o choque transformador derivado do contato com a alteridade, com aquilo que o atinge, o provoca, o faz pensar, o força a pensar. Caso contrário, nada ocorreu. A comunicação acontece de um golpe: há uma mudança de estado. Quando o receptor descarta aquilo que vindo de sua interação com o Outro lhe é inconveniente, nada aconteceu, a coisa não produziu nada, morreu ali. Passa-se ao largo dela, ignora-se. Não somando nada às suas necessidades informativas ela é descartada como todos os demais sinais. E isso se faz constantemente, o tempo todo. Passamos a parte absolutamente majoritária de nossa existência descartando a comunicação, adicionando dados à nossa autoconfirmação. Por isso, os episódios comunicacionais são raros. São, em geral, ocorrências subjetivas, discretas – diferentemente do Acontecimento para os filósofos -, mas que, pelo componente disruptivo, o incorpóreo nela instalado, nos leva a pensar e a mudar.

A finalização do processo vai ocorrer, na teoria de Braga, com a realização do *sentido*: “Assumimos que interpretação e ajuste reverberam mutuamente – ajustamos o sentido percebido, percebemos o sentido conforme os ajustes possíveis ao nosso repertório” (Braga, 2010, p.76). Há aqui explicitamente a noção de que o sentido pré-existe, que está lá, que se trata de percebê-lo, ajustá-lo, considerá-lo. Para Braga, sentido jamais é uma produção, algo que ocorre no próprio acontecimento comunicacional, como coisa surgida dali. Se consideramos o sentido como algo sempre-já-dado, que nos compete apenas reconhecê-lo, estaremos condenando a comunicação a algo morto, definitivo, absoluto. Estaremos mais uma vez no modo de pensar metafísico.

José Luiz Braga está também interessado na previsibilidade da comunicação: “(...) dois ângulos caracterizam a perspectiva de que a comuni-



Para a Nova Teoria, o ocorrência ou não da comunicação tem a ver com a intencionalidade do receptor, ou, melhor ainda: com sua *decisão*.

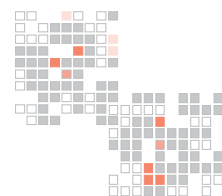
cação é tentativa. Pelo primeiro ângulo, os episódios comunicacionais são probabilísticos – significando que *alguma coisa relativamente previsível pode acontecer*” (Braga, 2010, p.70). Ora, a previsão é um cálculo; é a suposição de que algo possa ocorrer obedecendo certas regularidades e controlados certos fatores interferentes. Toma-se aqui a comunicação como um projeto que pode ser administrado. Se eu aumentar a eficácia de meus procedimentos (minha linguagem, minha forma expressiva, recursos de entendimento, etc.), há a probabilidade de eu conseguir melhores resultados futuros ao meu intento. Estamos no campo das previsões, das projeções, da programação. Toda essa engenharia do evento comunicacional só pode ser entendida como um procedimento tecnocrático, da mesma forma que o são as campanhas publicitárias, os cálculos financeiros, as especulações econômicas e políticas.

Mas, nesta altura, me ocorrem duas citações do próprio Braga que parecem contradizer o que foi exposto antes: “O que em um regime seria considerado sucesso pode ser visto, em outro regime, como frustrante” (Braga, 2010, p.71). “(...) O que significa que deve ser difícil, senão impossível, estabelecer critérios apriorísticos para o *sucesso* na tentativa interacional que é a comunicação” (Braga, 2010, p.71). Com efeito, o critério de sucesso marcado pelo fato de o receptor buscar uma interpretação da mensagem de forma coerente com o ponto de partida, na emissão, é um critério questionável, porque não fala nada da comunicação mas apenas de sua condição prévia de realização. Em outros termos, o sucesso (houve resultados, eu interpretei coerentemente) pode implicar, como ele diz, em “frustrações”. Não pode haver, de fato, critérios apriorísticos,

mas note-se bem, *quantitativamente* apriorísticos, pois estes tenderão fatalmente a conduzir a pesquisa para um modo de pensar calculista, tecnocrático, em última análise, manipulador.

Quando ele fala que “o resultado das interações comunicacionais será talvez tanto mais provável quanto menos modificador das relações sociais e humanas; e tanto menos provável quanto mais modificador” (Braga, 2010, p.73), encontramos um terreno comum para sairmos do paradigma tecnocrático e nos aproximarmos do modelo efetivamente comunicacional. O que significa dizer que uma interação comunicacional é mais e é menos modificadora? Por que motivo esta é mais provável que aquela? Para isso, Braga terá fatalmente que desembocar na *nossa* definição de comunicação.

Para a Nova Teoria, o ocorrência ou não da comunicação tem a ver com a intencionalidade do receptor, ou, melhor ainda: com sua *decisão*. Enquanto eu permanecer isolado ou me isolando do universo em meu redor, nada me atingirá; serei aquele indivíduo do modelo luhmanniano que só percebe o mundo através de sua janela e não se mistura jamais com ele. Este indivíduo está fechado à comunicação. Ele lê notícias no jornal, adquire livros, conversa com amigos, dialoga em *chats* da internet mas nada o atinge; seu autoenclausuramento é radical, seu sistema de controle não admite divergências. Tudo para ele são informações, que ele busca e usa como formas de reforço de suas posições, de argumentos que utilizará contra opiniões adversas. A comunicação, ao contrário, é autorização, é permissão, é contato com o diferente, o estranho, o incomum. Aquilo que não sou eu, isso sim pode provocar em mim transformações, alterar meu quadro, permitir que eu me transforme e, assim, demonstre que



ainda estou vivo, ao contrário do caso anterior, em que o indivíduo enterra-se vivo em suas próprias convicções e nega a vida.

Pelo fato de sermos, na vida cotidiana, mais defensivos, mais conservadores em nossas posições, pois elas nos tranquilizam, por esse mesmo motivo, as interações comunicacionais mais prováveis serão as que menos modificam nossas relações sociais e as menos prováveis, as que efetivamente alteram. Mas são estas últimas que importam, que definem nossa situação de estarmos vivos e não mortos-vivos.

Braga, assim como nossa proposta, advoga que o mesmo conceito de comunicação deva ser possível tanto para as formas interpessoais como as grandes emissões irradiadoras dos meios de massa, assim como as sinalizações da internet. “Podemos então distinguir as tentativas dos participantes e as tentativas sociais que se atualizam a cada episódio interacional – as tentativas do processo” (Braga, 2010, p.72). E continua:

Isso significa que não somente a comunicação pode acontecer, mas que efetivamente se faz, em algum ponto entre o total sucesso e o total fracasso, como resultado de uma ação, de um trabalho humano e social para produzir alguma coisa que não está inteiramente dada nos pontos isolados prévios a uma interação (Braga, 2010, p.80).

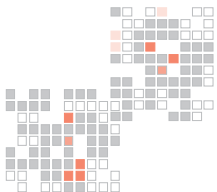
Em um ponto “entre o total sucesso e o total fracasso” significa que sobre uma reta, necessariamente de 0 a 1, recaem as possibilidades comunicacionais como valores praticamente numéricos. Não há como não ver nessa construção o modelo de Shannon revisitado, que vê o processo comunicacional com olhos matemáticos e os efeitos como índices mais e menos prováveis.

Em nossa proposta, a grande comunicação social, transmitida “em massa”, ocupa um território imaterial que nós denominamos *continuum mediático atmosférico*. É um campo abstrato onde

notícias, fatos, acontecimentos reverberam e ganham status de *espírito do tempo*. As ocorrências tornam-se o “grande tema social” do momento, na medida em que essas múltiplas inserções (jornais, matérias de televisão, de revistas, blogs da internet, indivíduos, por exemplo) crescem em espiral até se reverterem no grande Acontecimento. Mas isso não é o resultado de “uma ação”, é um produto cego, derivação de múltiplas intervenções, de reverberações, do interesse que os agentes têm em repercutir. É no coletivo, no produto múltiplo e indeterminado, que elas viram Acontecimento social total. Ninguém é responsável por isso, ninguém o provoca quando quer. A coisa simplesmente “acontece” pela somatória casual, aleatória, de múltiplas intervenções.

Quando Braga fala que isso é resultado de uma ação, de um trabalho humano e social para produzir alguma coisa, sobressai a sugestão de que os homens, de alguma forma, comandam o processo. E essa ideia é a mesma que está na base da concepção de previsibilidade da comunicação, a que ele se refere na página 79: “No estudo de dispositivos interacionais concretos, um dos ângulos particularmente relevantes de investigação refere-se à percepção de seus processos *para produção de previsibilidade*” (Braga, 2010, p.79).

Não dá para não ver a proposta de Braga como uma pesquisa em comunicação pensando em sua utilização, em sua operação como intervenção social. Comunicação como instrumento, proposta política, ou, “ação praxiológica”, como ele chama, não uma proposta de estudar o fenômeno comunicacional dentro de uma isenção que se imagina necessária. Seu campo de trabalho é a ciência política (ou mesmo, a prática política), não o saber da comunicação. Seu conceito de comunicação foge da investigação *stricto sensu* do que é a comunicação para cair no campo do como melhor operar os equipamentos de comunicação visando um agir instrumental. O espectro do educacionismo político não está longe.



Opostamente, e nisso acreditamos nós, o estudo da comunicação propriamente dita, e somente ele, permite a aposta na autonomia.

Citações estendidas

Comunicação: “esferas tangentes”. “(...) no encontro entre duas pessoas, a comunicação se verifica pelo modo de esferas tangentes, que contata cada uma em relação a outra pela periferia do Ego da cada uma. (...) Os Egos dados e obtidos são transcrições fornecidas e adquiridas de imagens e de papéis, mais do que reais demonstrações desses objetos-sujeitos que constituem as pessoas”. (Castilla del Pino, 1970, p.10).

As formas possíveis de comunicação utopicamente “ótima” em Castilla Del Pino. “A confidencialidade, a recíproca interação que converte o íntimo em privado para dois, a comunicação amorosa e, em último caso, a autocomunicação, que para o homem

é possível na medida que a re-flexividade sobre si mesmo o converte, se se quiser, em interlocutor para si mesmo” (Castilla del Pino, 1970, p.10).

No erótico, a relação com o absolutamente outro: Ver Detalhamento do Cap.II, parte 3: Pela sexualidade, o sujeito entra em relação com o que é absolutamente outro.

Não nos comunicamos, exceto na sexualidade. “Esse abismo [a descontinuidade] se situa, por exemplo, entre vocês que me escutam e eu que lhes falo. Tentamos nos comunicar, mas nenhuma comunicação entre nós poderá suprimir uma diferença primeira” (Bataille, 1957, p.22). “(...) apenas o ser amado pode realizar neste mundo (...) a plena fusão de dois seres” (Bataille, 1957, p.33). “A paixão nos repete incessantemente: se você possuísse o ser amado, este coração que a solidão estrangula formaria um só coração com o ser amado” (Bataille, 1957, p.33-34).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo:

ARX, 1957.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. *Matrizes*, Ano 4, No. 1, jul-dez. 2010, p.65-81.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: *Anais do 20º Encontro Anual da Compós*. Porto Alegre: Compós, 2011.

CASTILLA DEL PINO, Carlos. *La Incomunicación*. Barcelona:

Ediciones Península, 1970.

COLODRO, Max. *El silencio em la palabra*. Aproximaciones a lo innombrable. Santiago de Chile: Editorial Cuarto Próprio, 2000.

LEVINAS, Emmanuel. *O eu e a totalidade*. Petrópolis: Vozes, 1954.

LEVINAS, Emmanuel. *Le temps et l'autre*. Montpellier: Fata Morgana, 1979.

MARCONDES FILHO, Ciro *Até que ponto de fato nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O escavador de silêncios*. Formas de

construir e de desconstruir sentidos na comunicação. São Paulo:

Paulus, 2004b.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2008b.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante*. Nova Teoria da Comunicação, Vol. III, Tomo 5, São Paulo: Paulus, 2010.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. Vol. V - Léxico, índices e bibliografia. São Paulo: Loyola, 1995.

VON FOERSTER, H. *Sicht und Einsicht [Vista e conhecimento]*.

Versuche zu einer operativen Erkenntnistheorie. Braunschweig/Wiesbaden, Friedr: Vieweg & Sohn, 1985. [Tradução minha].

WINNICOTT, D. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo C. Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1963.

